

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e

Antes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e

Antes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-033-6
DOI 10.22533/at.ed.336210605

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: SUJEITOS, HISTÓRIAS E IDEOLOGIAS**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; e estudos em educação.

Estudos literários traz análises sobre representação da mulher, patriarcado, narrativa, teatro, cartas, poesia, haicai, cordel e literatura digital.

Em estudos em educação são verificadas contribuições que versam sobre aprendizagem colaborativa, práticas interdisciplinares, ambiente virtual, ensino de língua e leitura.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *THE TENANT OF WILDFELL HALL* DE ANNE BRONTË

Helena de Luna Mendes

DOI 10.22533/at.ed.3362106051

CAPÍTULO 2..... 12

“A BELA E A FERA”, DE MADAME DE VILLENEUVE E MADAME DE BEAUMONT: A PRESENÇA DO FEMININO NO CONTO DE FADAS E NO *LIVE ACTION*

Lais Menezes da Costa Sousa

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

DOI 10.22533/at.ed.3362106052

CAPÍTULO 3..... 25

MÃE PATRIARCA: OPRESSÃO MATERNA EM UM CONTO DE TANIA JAMARDO FAILLACE

Mariana Sbaraini Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.3362106053

CAPÍTULO 4..... 36

ELECTRA E A IMPORTÂNCIA DA MITOLOGIA CLÁSSICA

Rui Pires

DOI 10.22533/at.ed.3362106054

CAPÍTULO 5..... 52

SUBTERFÚGIOS E DISSENSÕES NA NARRATIVA DE *O SENHOR BRETON E A ENTREVISTA*, DE GONÇALO M. TAVARES

Robson José Custódio

DOI 10.22533/at.ed.3362106055

CAPÍTULO 6..... 63

INTERSEMIOSE EM *O LEILÃO DO LOTE 49*, DE THOMAS PYNCHON: DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Margareth Torres de Alencar Costa

Laura Torres de Alencar Neta

Wilson Cavalcante Costa Junior

DOI 10.22533/at.ed.3362106056

CAPÍTULO 7..... 72

ARIANO SUASSUNA E A *FARSA DA BOA PREGUIÇA*: A FORÇA DO RISO NO TEATRO POPULAR

Luciana Morteo Éboli

DOI 10.22533/at.ed.3362106057

CAPÍTULO 8	85
ALÉM DA INVISIBILIDADE: CARTAS E LITERATURA	
Raimunda Celestina Mendes da Silva	
Mayara Cassiano de Sene Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3362106058	
CAPÍTULO 9	96
CHICO DA SILVA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN NOS CAMINHOS DA POESIA	
Maria Auxiliadora Ferreira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3362106059	
CAPÍTULO 10	108
VOZ E SILÊNCIO NA POESIA DE FERREIRA GULLAR: GRAFIAS DO EU E DA CIDADE	
Ilca Vieira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060510	
CAPÍTULO 11	127
A EXPRESSÃO TRADUTÓRIA DE PAULO LEMINSKI: UMA LEITURA DE EZRA POUND, HAROLDO E AUGUSTO DE CAMPOS	
Lívia Mendes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060511	
CAPÍTULO 12	141
TRÊS VERSOS E UMA CODA: AS MUTAÇÕES DO HAICAI NO BRASIL	
Samuel Delgado Pinheiro	
Eliane Cristina Testa	
DOI 10.22533/at.ed.33621060512	
CAPÍTULO 13	154
MUSICORDEL: MEMÓRIAS E NARRATIVAS AMAZÔNICAS EM VERSOS CANTADOS	
José Eliziário de Moura	
Ana Lúcia Vidal Barros	
Uthant Benício de Paiva	
Cesar Claudino Pereira	
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060513	
CAPÍTULO 14	169
LITERATURA DIGITAL NA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS: IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO E NA RECEPÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS	
Malu Elma Gomes Dias	
Darley Cristina Santos Ribeiro	
Louise Bogéa Ribeiro	
Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui	
DOI 10.22533/at.ed.33621060514	

CAPÍTULO 15.....	179
REDE DE APRENDIZAGEM CONSTRUÍDA DE FORMA COLABORATIVA ENTRE PROFESSORES E PAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL	
Tania Beatriz Trindade Natel	
Maura Corcini Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.33621060515	
CAPÍTULO 16.....	201
EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O TEATRO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Eduardo Alexander Júlio César Fonseca Lucas	
Lucas Lima de Carvalho	
Lucas Rodrigues Claro	
Amanda dos Santos Cabral	
Bruna Liane Passos Lucas	
Antonio Eduardo Vieira dos Santos	
Jéssica Andressa Reis de Souza	
Pamela Lima Dias Lins	
Simone Fonseca Lucas	
Ravini dos Santos Fernandes Vieira dos Santos	
Alexandre Oliveira Telles	
Maria Cristina Dias da Silva	
Maria Kátia Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.33621060516	
CAPÍTULO 17.....	213
PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO TÉCNICO: UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE COMO PROJETO INTEGRADOR	
Walena de Almeida Marçal Magalhães	
Mariane Pimenta Peres	
Antônia Lília Soares Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.33621060517	
CAPÍTULO 18.....	224
A ENUNCIÇÃO E O SINCRÉTICO NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM	
Aparecida Maria Xenofonte de Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.33621060518	
CAPÍTULO 19.....	238
ESTUDO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E A MODALIDADE HÍBRIDA	
Ayumi Nakaba Shibayama	
Denise Cristina Kluge	
Francisco Javier Calvo del Olmo	
DOI 10.22533/at.ed.33621060519	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	258
ÍNDICE REMISSIVO.....	259

CAPÍTULO 2

“A BELA E A FERA”, DE MADAME DE VILLENEUVE E MADAME DE BEAUMONT: A PRESENÇA DO FEMININO NO CONTO DE FADAS E NO *LIVE ACTION*

Data de aceite: 26/04/2021

Data de submissão: 05/04/2021

Lais Menezes da Costa Sousa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Letras - Poslet/
Unifesspa
Marabá - Pará
<http://lattes.cnpq.br/7272567765185488>

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Professora do Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Letras - Poslet/
Unifesspa
Marabá - Pará
<http://lattes.cnpq.br/2921407574712892>

RESUMO: A literatura infantil e juvenil apresenta um amplo campo de investigação científica que instiga pesquisadores das mais variadas áreas a se debruçar no mundo imaginário de fadas e bruxas. Uma área de estudo que vem se destacando no meio literário trata da presença do feminino nessas obras milenares e as percepções atuais e da época acerca do assunto. Neste artigo a proposta é a de analisar o aparecimento latente do feminino no conto “A Bela e a Fera”, com foco na versão original de Madame de Villeneuve (1740) e singelos apontamentos da adaptação de Madame de Beaumont (1756). Além disso, estima apontar como essa temática chega ao *live action*, dos Estúdios Walt Disney, em 2017. Serão utilizados teóricos como Von Franz (2015), Warner (1999), Mendes (2001), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Conto de fada, A Bela e a Fera, Presença do feminino, *Live action*.

“BEAUTY AND THE BEAST”, BY MADAME DE VILLENEUVE AND MADAME DE BEAUMONT: THE WOMEN’S PRESENCE IN THE FAIRY TALES AND *LIVE ACTION*

ABSTRACT: Children’s and young adult’s literature present a broad field of scientific investigation which incites researches from various areas to focus on the imaginary world of fairies and witches. One area that has been given credit in the literary scene is about the women’s presence in these millennial works and the perceptions on this subject both currently and from that time. This article proposes to analyze the latent women’s appearance in the tale “Beauty and the Beast”, with the main focus on the original version by Madame de Villeneuve (1746) and some remarks on the adapted version by Madame de Beaumont (1756) Also, this work aims to highlight how this topic is found in the *live action*, from The Walt Disney Studios, in 2017. Von Franz (2015), Warner (1999), and Mendes (2001) are some of the theoretical references approached in this paper.

KEYWORDS: Fairy tale, Beauty and the Beast, Women’s presence, *Live action*.

1 | INTRODUÇÃO

Os contos de fadas possuem, dentre outras razões, o objetivo de proporcionar entretenimento e educação (ainda que indiretamente) aos jovens leitores. É de

conhecimento que essas produções artísticas já possuem uma ampliação em seu público-alvo, sendo desde o infantil ao adulto, não apenas pela consagração de textos que encantaram o mundo europeu desde o século XVII, mas também pela riqueza cultural que eles contêm e que despertam tanto a imaginação de crianças como a curiosidade científica de pesquisadores de diversas áreas de estudos.

Neste artigo, será abordado um conto com mais de 200 anos de existência e que permanece até a contemporaneidade no imaginário coletivo: “A Bela e a Fera”. Dentre suas exclusivas razões de destaque, encontra-se o fato deste ter sido escrito por uma mulher, Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve, ou Madame de Villeneuve, na França, em 1740. Não obstante, o mesmo conto foi adaptado e publicado posteriormente por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, ou Madame de Beaumont, em 1756, versão essa que proporcionou diversas adaptações literárias, audiovisuais e teatrais para as épocas seguintes.

Ainda que escritas na mesma época, as autoras recebem hoje o reconhecimento individual de suas obras, visto que, de forma geral, Madame de Villeneuve apresenta um enredo mais completo enquanto Madame de Beaumont, um enredo mais enxuto e adaptado para o público jovem, se visto pelo olhar hoje dos textos voltados para esse segmento leitor.

O principal objetivo deste artigo é apresentar os aspectos do feminino presentes no conto de ambas as autoras e que instigam análises acerca da presença feminina em contos de fadas, mesmo aqueles que foram escritos por homens além de verificar essa mesma questão no *live action*, de 2017, produzido pelos Estúdios Walt Disney.

Para o embasamento teórico deste artigo, serão consultados autores consagrados nos estudos literários como Walter Benjamin, Hans Dieckmann e Marina Warner. Nos estudos contemporâneos, serão citados os autores Diana L. Corso e Mário Corso, Marie-Louise Von Franz, Mariza B. T. Mendes, Regina Michelli e Susana Ventura.

2 | DAS NARRATIVAS ORAIS AO CONTO DE FADAS: UM BREVE PANORAMA

As narrativas orais eram atividades frequentes entre os povos antigos para a transmissão de ensinamentos e cultura aos mais jovens. Um dos aspectos de grande relevância para cativar a atenção dos ouvintes era o poder do narrador de atrair a atenção de seu público, por meio do uso de sonoridade, interpretação e outras estratégias performáticas. Tais narrativas perpassam por questões como a criatividade do contador, a verossimilhança e a própria maneira de narrar, características essas que propiciaram a perpetuação do conto. Ao considerar análises posteriores feitas por estudiosos, pode ser encontrada até mesmo certa essência didática nesses enredos. Consequentemente, os ouvintes poderiam adquirir conhecimento antecipado sobre a vida e os perigos que podiam se apresentar e ser evitados, com base nas escolhas e caminhos percorridos pelos personagens. A essas narrativas foi dado o nome de “contos populares” e, por vezes, estavam baseadas em histórias reais, passadas de geração em geração e que apresentavam uma conclusão moralista que serviria como um ensinamento.

Ainda que o narrador exista há séculos, a seguinte definição de Walter Benjamin (1987) dá grande destaque ao narrador de contos de fadas:

O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência. Era a emergência provocada pelo mito. O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico (BENJAMIN, 1987, p. 215).

Inicialmente, os contos pareciam apresentar uma finalidade educacional, conforme exposto por Von Franz (2005):

Até os séculos 17 e 18, os contos de fada eram - e ainda são nos centros de civilização primitivos e remotos - contados tanto para adultos quanto para crianças. Na Europa, eles costumavam ser a forma principal de entretenimento para as populações agrícolas na época do inverno. Contar contos de fada tornou-se uma espécie de ocupação espiritual essencial. (VON FRANZ, 2005, p. 12).

O público infantil obteve maior proveito dessas narrativas por conta, talvez, dos aspectos mágicos neles contidos. Embora muitas das histórias tenham sido recolhidas oralmente e outras escritas, foram, no início, lidas em salões literários para adultos. Com o passar do tempo, a atenção a esses contos voltou-se para o público infantil, como alternativa para o trabalho de alguns preceptores e preceptoras.

Hans Dieckmann analisa esse gênero (1986) e comprova que eles são presentes tanto nos hábitos de leitura de crianças como de adultos e declara: “Quase não existe ninguém entre nós que não tenha crescido com estas histórias, e para quem elas não foram a primeira e mais antiga experiência de seu encontro com a fantasia criativa de nossa cultura”. (p. 14).

De forma geral, os seguintes autores de contos de fadas podem ser considerados como os que obtiveram maior reconhecimento: Charles Perrault (1628-1703), os Irmãos Grimm, sendo eles Jacob Ludwig Carl Grimm (1785-1863) e Wilhelm Carl Grimm (1786-1859), e Hans Christian Andersen (1805-1875). Perrault recolheu suas histórias de informantes orais e poucas alterações elas sofreram, permanecendo, na maior parte delas, os finais trágicos com seres malvados que, em muitos casos, comiam crianças ou confirmavam a morte trágica das personagens. Os Irmãos Grimm, por sua vez, também fizeram seu recolhimento a partir de informantes orais, mas, preocupados com certos ideários cristãos da época, preferiram rever os finais da maioria das histórias, buscando deixá-las mais positivas, esperançosas e menos cruéis para seus leitores e ouvintes. Hans Christian Andersen além de recolher narrativas orais também foi criador de histórias de contos de fadas que permanecem vivos até hoje e são lidos e relidos por crianças, jovens e adultos.

Essas histórias, sejam da tradição oral, sejam criadas pelos escritores, permanecem vivas na memória coletiva e continuam ganhando novas versões bem como adaptações que vão da atualização da linguagem à inserção de novos finais ou mesmo ganham novos personagens e enredo modificado para melhor dialogar com o leitor contemporâneo.

Embora aqui se faça um breve resumo dos autores mais conhecidos, não se ignora o fato de que, atualmente, há novos estudos que questionam a origem popular desses primeiros contos registrados, como aponta André Garcia (2019):

Segundo Zipes (1994), os contos de fadas literários teriam surgido nos salões da aristocracia do século XVII, onde teriam sido narrados por mulheres, na forma de uma espécie de jogo de salão. Esses jogos serviriam para que as mulheres demonstrassem sua inteligência e educação e teriam dado origem a textos literários de gêneros como a novela e as letras de música, em momentos de divertimento [...]. Era importante que parecesse que os contos tinham sido inventados naquele momento, de forma improvisada; em certos casos, era solicitado à narradora que contasse um conto sobre certo motivo que lhe era proposto na hora; sua habilidade de improvisar era, então, bastante valorada. Assim, por volta de 1690, era solicitado aos narradores dos salões que escrevessem os contos que haviam contado nos jogos, contexto que deu origem, entre outros, aos contos literários de Charles Perrault. Esses contos, originalmente narrados nos jogos dos salões, não teriam sido, inicialmente, pensados para crianças, diferentemente do que ocorre com os contos de Grimm, que foram adaptados para que fossem apropriados para serem lidos por infantes. Todavia, as crianças já eram, nesses tempos, receptores dos contos, que ouviam da boca de suas governantas, serviçais e outras crianças. Com o tempo, os contos foram adaptados para incluir lições de moral destinadas ao público infantil das classes mais abastadas. Esses contos destinados às crianças teriam surgido entre 1720 e 1730. A partir desses dados, percebe-se que Zipes nos oferece informações diferenciadas sobre as origens do conto de fadas literário, sobretudo o francês do século XVIII. Essas informações confirmam uma origem a princípio oral dessas narrativas, que teriam sido contadas nos salões da aristocracia e posteriormente fixadas de forma escrita (GARCIA, 2019, pp. 117-118).

Para Garcia, é necessário, ao estudar os contos de fadas clássicos e ditos de tradição oral, levar em consideração novos estudos como os de Zipes (1994) e demais pesquisadores que apontam para alguns acréscimos literários praticados pelos Irmãos Grimm e até mesmo por Charles Perrault, que reveem, assim, esses contos não apenas advindos da tradição oral, mas também com a presença de marcas literárias impressas por seus compiladores. Este artigo, por sua vez, fixa sua análise na categoria de contos de fadas hoje denominados literários ou *fantasy* e se propõe a analisar um deles que, embora repositório de tradições da época, foi escrito em vez de recolhido e apresenta autoria feminina. Estudos recentes, como os de Susana Ventura (2019), têm mostrado que havia não uma, nem duas, mas diversas mulheres que escreviam contos de fadas nos séculos XVII e XVIII. É sobre duas delas, Madame de Villeneuve e Madame de Beaumont, que esse estudo manifesta interesse, já que ambas dividem a autoria do famoso conto “A Bela e a Fera”.

3 | A PRESENÇA FEMININA NOS CONTOS DE FADAS: “AS PRECIOSAS”

O conto a ser explanado neste artigo narra a história da bela jovem que se apaixona por um príncipe com o corpo de uma fera. É uma das narrativas mais conhecidas desde sua publicação primeira, por Madame de Villeneuve, no século XVIII, e apresenta suas particularidades mágicas e encantadoras próprias. Madame de Villeneuve era contemporânea do grupo de mulheres que publicaram contos de fadas no contexto em que o ofício era exercido, com maior frequência, por homens, e, posteriormente, Madame de Beaumont acompanha a primeira autora, com a versão reescrita do mesmo conto, em 1756.

Quando se fala sobre a presença de personagens femininas nas tramas de contos de fadas, vem à memória a presença de heroínas, fadas e bruxas. Como proposto por Regina Michelli (2013), nos contos de fadas, mesmo que de autoria masculina, há a presença de uma fada e/ou uma bruxa, ou seja, personagens de relevância para a trama que são predominantemente do gênero feminino. Em alguns contos é possível encontrar, ainda, uma heroína, como Mendes (2000) exemplifica a seguir, com o uso dos contos de Perrault:

Pode-se falar em predominância dos papéis femininos nos contos de Perrault? Com certeza, já que as mulheres são personagem-título em quatro de oito histórias, além de terem papel de destaque em mais duas. Isso pode significar que Perrault era um defensor das mulheres e entusiasta da liberação feminina? A resposta é complexa e requer muitas considerações, mas não se pode negar que essa predominância das personagens femininas vem confirmar a tese de que as mulheres sempre tiveram um papel importante nas narrativas populares. (MENDES, 2000, p. 88).

Tal participação feminina não pode ser negligenciada, mas pode ser relacionada com os próprios costumes antigos, pois pode-se supor que, desde os primeiros indícios do que viria a ser classificado, na literatura escrita, como conto de fada, foi possível considerar a mulher como a mediadora entre a história e o público (inclusive o infantil), visto a relevante participação dela no processo de educação. Também no passado pode-se perceber isso no ato de contação oral das camponesas de aldeias ao transmitirem os contos de tradição oral.

Mendes (2000) ressalta, ainda, que eram atribuídas às mulheres, nas comunidades primitivas, a função social como sacerdotisas, como seres divinos. Séculos mais tarde, esse aspecto foi, da mesma forma, encontrado nas mulheres do fim do século XVII, visto as reuniões e círculos sociais e literários, onde elas passaram a estar presentes, como forma de conquistar o espaço anteriormente apenas frequentado por homens.

A autora continua e ressalta a relevância de buscar a presença feminina nos contos de fadas, conforme segue:

Assim como o mito, cada conto de fada que herdou seus motivos vai transmitindo, de geração em geração, os seus significados pedagógicos, psicológicos e ideológicos. Nenhum desses significados pode ser ignorado ou desprezado, se a intenção é analisar os papéis femininos em sua relação com os arquétipos culturais da humanidade. (MENDES, 2000, p. 42).

Não há apenas a presença de personagens femininas nos contos, mas a própria representação do que era o feminino na época das primeiras obras, especialmente de Perrault, como lembra Mendes (2000):

Se as fadas são o símbolo do poder feminino, as princesas e as camponesas que se tornam princesas são o símbolo da fragilidade, que deveria caracterizar as mulheres terrenas, seres humanos submissos às contingências do destino e à moral determinada pela sociedade. O poder divino das fadas e o poder masculino dos príncipes deveriam comandar a sua vida. Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, a esposa de Barba Azul, a filha bondosa, a princesa linda e estúpida, todas as personagens marcadas pela fragilidade, que deveria ser a característica das mulheres e das crianças na sociedade patriarcal. (MENDES, 2000, p. 129).

Para complementar a citação acima, Soares & Carvalho (2015) detalham alguns aspectos prefixados em personagens femininas, como descritos a seguir:

Percebe-se, a partir desses contos clássicos, que os atributos das personagens femininas apresentam a mesma regularidade: a resignação diante de algo que aparentemente é imutável, a autoridade e o respeito às leis estabelecidas e impostas por uma sociedade patriarcal. Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho são dóceis e amáveis e lembram as garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas aos perigos do mundo. As fadas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madrasta, a mãe malvada. Essas características definem a imagem da mulher que o artista captou em uma determinada época e transmitiu à posteridade, permanecendo após três séculos em diversas produções destinadas a todos os públicos. (SOARES & CARVALHO, 2015, p. 76).

Ou seja, a partir do exposto, é possível entender que, ainda que haja a predominância feminina nos contos de fadas, tais personagens eram apresentadas, em sua maioria, como frágeis, submissas e presas aos costumes sociais.

Apesar da atual notoriedade do conto “A Bela e a Fera”, logo que foi publicado e divulgado, a sua receptividade passou por obstáculos, em especial, por ter sido escrito por uma mulher, ainda que, como citado anteriormente, houvesse predominância feminina na transmissão de conhecimento às crianças, na função de preceptoras. Susana Ventura explica que era atribuído o título de “preciosa”, ou seja, às mulheres autoras de contos de fadas nos séculos XVII e XVIII e a elas dava-se esse cognome, como foi o caso de Madame de Beaumont. Continua Ventura (2019):

Por terem suas identidades escondidas por essa “identidade de grupo”, que as transformou em “Condessa X”, “Mademoiselle Y”, “Baronesa Z” e que acabou por desvalorizá-las, o resultado é que tanto a vida quanto o trabalho literário dessas mulheres ficaram quase esquecidos, à exceção de um único conto: *A Bela e a Fera*, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, sendo a autora incluída na maior parte das seleções de contos de fadas que têm aparecido ao longo dos séculos. (VENTURA, 2019, p. 11).

Com o passar do tempo e a intensificação da presença feminina no meio literário, tal percepção acerca dessas autoras e suas obras foi perdendo força, o que instigou novas pesquisas em busca de maiores detalhes sobre quem as escreveu, como aponta Ventura (2019):

Por volta do ano 2000, dezenas de pesquisadores em todo o mundo começaram a se dedicar a ler, estudar e compreender manuscritos, livros, diários, cartas e jornais para desvendar a época em que as mulheres, individual e/ou coletivamente, criaram uma maneira de estar no mundo e obras que mostraram muito do que sonhavam e desejavam para si mesmas. (VENTURA, 2019, p. 278).

Além da autoria feminina, outro desafio vencido pelo conto “A Bela e a Fera” foi a representação da personagem Bela como divergente do que era comum à época. Nele, ela é uma personagem forte, dona de sua personalidade e heroísmo, pois a moça salva seu pai das garras da Fera e, mais adiante na história, sem o amor de Bela, o príncipe-Fera permaneceria um monstro para sempre.

Marina Warner (1999) reitera a importância de tais características de Bela para a melhor condução do conto:

A história da Bela e da Fera é um conto de fadas clássico de transformação que, quando contado por uma mulher, situa o amante, a Fera, na posição do desconhecido misterioso, ameaçador e possivelmente fatal, e a Bela, a heroína, como aquela que busca sua verdadeira natureza. (WARNER, 1999, p. 310).

A partir desse apontamento, pode-se indicar uma possível intenção das mulheres pela busca de sua valorização no âmbito social e criativo, já que, como escritoras e, muitas vezes, preceptoras de crianças e jovens, descobriam uma certa forma de ganhar espaço em uma sociedade voltada para o olhar masculino e patriarcal.

4 | AS AUTORAS DE “A BELA E A FERA”: MADAME DE VILLENEUVE E MADAME DE BEAUMONT MOSTRAM SUAS FACES

O conto de fadas “A Bela e a Fera” nasceu como conto literário e apresenta um certo tom biográfico. Diante dessa informação, é pertinente ter conhecimento de determinados fatos históricos vivenciados pelas autoras Madame de Villeneuve e Madame de Beaumont. Para isso serão utilizadas como base as informações presentes na introdução de Rodrigo

Lacerda ao livro *A Bela e a Fera: a versão clássica e a surpreendente versão original* (2016). Nela, Lacerda descreve alguns fatos pontuais na vida dessas autoras que parecem ter contribuído para a origem do conto.

Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve casou-se ainda jovem, porém logo divorciou-se. Villeneuve teve uma filha e, posteriormente, ficou viúva, iniciando sua vida como escritora, após completar seus quarenta anos de idade. Adquiriu conhecimento referente aos costumes e padrões da burguesia francesa por meio de auxílio na análise de textos submetidos para publicação. Além de “A Bela e a Fera”, suas publicações mais relevantes são: *La Phonénix conjugal* (1734), *La Jeune Américaine* (1740) e *Les Belles solitaires* (1745).

Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, Madame de Beaumont, nasceu em Rouen, numa família de classe média e, desde a juventude, prestava auxílio na educação de meninas, e, conseqüentemente, obteve os cargos de preceptora, dama de companhia e professora de música, sendo uma de suas alunas a filha mais velha de Leopoldo de Lorena na corte austro-francesa na comuna de Lunéville. Tinha contato com diversos intelectuais de época, os quais contribuíram para sua inspiração literária, mesmo que ainda fosse uma raridade entre as mulheres da época. Madame de Beaumont casou-se aos trinta e dois anos e teve uma filha dessa relação, ainda que tivesse uma vida amorosa polêmica para a época.

Dentre suas publicações mais relevantes encontram-se: *Le Triomphe de la vérité, ou Mémoires de M. de La Villette* (1748), *Emílio, ou Da educação* (1762) e revistas como *Le Nouveau Magasin Français* (1750), *Le Magasin des Adolescentes* (1760) e *Le Magasin des Pauvres* (1768).

Madame de Beaumont publicou um manual pedagógico, *Le Magasin des Enfants*, o qual continha escritos sobre boas maneiras e tinha a prioridade de educação de jovens adolescentes, meninas e, por vezes, mulheres que procuravam aperfeiçoamento do comportamento social.

Madame de Beaumont apresenta relevantes e pontuais contribuições tanto para o meio literário como para o meio educativo, conforme Marina Warner (1999) cita:

É fácil perceber em madame de Beaumont a preocupação de uma professora bem-intencionada que educa as alunas para enfrentar o futuro com obediência e decoro, e ouvir seu desejo piedoso de que as alunas obedeçam a seus pais e de que, no interior de um marido brutal, que talvez seja a sina estabelecida das meninas, possa bater o coração de um bom homem, para isso bastando um pouco de incentivo, e de que não serão necessárias medidas extremas (...). (WARNER, 1999, p. 328).

Ao falar de Madame de Beaumont, Marina Warner (1999) parece expressar admiração especial com a funcionalidade do conto de fadas, conforme o trecho a seguir:

Mas foi essa governanta sensível e bondosa, madame Leprince de Beaumont, em meados do século XVIII, a primeira a usar os contos de fadas para educar os jovens desse modo. Sua visão do amor e simpatia femininos redimindo o selvagem que há no homem tornou “A Bela e a Fera” um dos contos de fadas mais estimados do mundo, que nunca deixou de inspirar em meninas – e meninos – sonhos de experimentar o poder do amor. (WARNER, 1999, p. 333).

Entende-se, assim, que a própria autora desejava preparar suas leitoras para o destino de casadas e pretendia mostrar uma visão de possível felicidade das moças nessa condição.

5 | O FEMININO EM BELA: ASPECTOS VEROSSÍMEIS ENTRE BELA E SUAS AUTORAS ORIGINAIS

Apresentadas breves considerações sobre o contexto social vigente na publicação do conto “A Bela e a Fera”, dar-se-á prosseguimento às análises sobre a personagem Bela. Assim como parte das protagonistas, Bela é mulher, jovem e uma moça de família. Ao contrário de algumas mulheres que são, por exemplo, aprisionadas ou enfeitçadas, ou seja, estão à mercê de alguém que as salve, Bela age sozinha e busca por sua liberdade e felicidade.

É possível que obras literárias apresentem semelhanças singelas e, por vezes, minimalistas entre a vida do seu autor e a trama dos personagens fictícios. Os Irmãos Grimm, diante de sua coleta de contos e registro dos mesmos no formato escrito, podiam averiguar como aqueles relatos orais tinham um fundo de verdade com base em um fato vivido por algum integrante daquela sociedade.

Em relação ao conto “A Bela e a Fera”, suas autoras tinham grande envolvimento com a educação de jovens moças e, por isso, tinham o senso da didática e promoviam o ensinamento acima do entretenimento. Além disso, ambas tinham similaridades em suas experiências de vida, ainda que não tenham passado para o papel sua biografia. Na verdade, ambas tinham a prioridade de acalantar o coração das jovens prometidas em casamentos arranjados, propondo um relacionamento que poderia gerar sentimento e afeto e alguma sugestão de como ser feliz mesmo que como esposas, já que poucas eram as alternativas para as mulheres na época.

Em relação ao público receptor de “A Bela e a Fera”, Marina Warner (1999) detalha que:

O conto de fadas da Bela e a Fera supunha, de modo geral, um público composto por mulheres que contavam inteiramente com o fato de serem entregues por seus pais a homens que podiam muito bem parecer-lhes monstros. A revolução social que instituiu o casamento romântico e camaradesco como a norma alterou de modo irreversível a recepção de tais romances, e ironicamente transformou o exame que certas mulheres faziam de sua sorte matrimonial em propaganda materialista para se fazer um bom casamento. (WARNER, 1999, p. 313).

Até a própria representação desses dois personagens pode sofrer ajustes a depender da época e público de sua propagação, como afirma Marina Warner (1999), e que essas adaptações podem influenciar na própria receptividade e compreensão dos leitores. Um bom exemplo é a questão do casamento arranjado. Para a sociedade do século XVIII, tal costume era parte social, enquanto para o público do século XXI, não mais. Em contrapartida, a liberdade do rei da Ilha Afortunada (na versão de Madame de Villeneuve) em casar-se com quem ele quisesse pode causar estranheza aos leitores do século XVIII, enquanto que para os da atualidade pode ser percebido como algo comum.

Em relação à excepcionalidade do enredo do conto de Madame de Villeneuve, Von Franz (2005) detalha:

Este conto de fada tem o mesmo padrão daqueles que se podem ainda encontrar, hoje em dia, na Noruega, Suécia, Rússia e muitos outros países. Consequentemente, pode-se ao menos concluir que este tipo de conto de fada (da mulher que redime seu amado da forma animal) existe praticamente inalterada há 2.000 anos (VON FRANZ, 2005, p. 12).

Segundo Diana L. Corso e Mário Corso (2006), a versão de Madame de Beaumont, publicada em 1756, ainda na França de Madame de Villeneuve, é a mais semelhante à estrutura das tradicionais narrativas dos contos de fadas. Apresenta vocabulário acessível para jovens e sua narrativa é mais fluida, com foco na seguinte lição de moral: a verdadeira beleza não está na aparência física, mas no caráter das pessoas.

Por isso, a própria destinação do conto de Madame de Villeneuve foi para o público feminino da época, em sua supremacia, acerca do casamento arranjado, conforme detalham Corso & Corso (2006):

Embora seja certamente também uma alusão aos casamentos arranjados, que tinham de ser enfrentados pela maior parte das mulheres até o triunfo do amor romântico, não deve ser apenas essa a razão da sobrevivência dessa história até nós. "A Bela e a Fera" restou como representante de uma vasta linhagem de contos em que o amor precisa transcender as aparências animais para acontecer. (CORSO & CORSO, 2006, p. 134).

Marina Warner (1999) analisa a história da Bela que se apaixona por uma fera como uma metáfora para a luta das mulheres devido à tradicional culpabilidade das mesmas desde Eva, conforme detalhado a seguir:

Escritoras e amigas de mademoiselle L'Héritier, como Henriette-Julie de Murat e Marie-Catherine d'Aulnoy, contemporâneas como mademoiselle de La Force e mademoiselle Bernard, lutando contra as concepções cristãs dominantes sobre a contagiosa libidinosidade feminina, contra a tradicional culpabilidade de Eva, aduziram em defesa das mulheres certas cobranças sociais que recaíam sobre elas: atacaram em especial o costume de se casarem as filhas em idade muito tenra (aos catorze ou quinze anos não era incomum) com estranhos. Nesse aspecto, mulheres de alto estrato social sofriam de total impotência, e não houve muitas mudanças nos assuntos matrimoniais até que

a Revolução introduzisse uma nova era de escolha comparativamente livre. (WARNER, 1999, pp. 312-313).

Além de apresentar uma mulher que sobressai aos arquétipos da sociedade de então, Bela pode ser considerada, ainda, um modelo e ideal de mulher para as leitoras tanto da época de publicação do conto original como para as da geração atual. Se na época do século XVIII, Bela poderia sugerir alguém que vencia o “monstro” ao encontrar nele o marido desejado, hoje, Bela talvez seja ainda admirada por conta de sua ousadia, coragem e liberdade. Ao contrário de outras personagens femininas dos contos de fadas, Bela não sofre em demasia no conto. Enquanto em cativeiro no castelo da Fera, ela recebe o melhor tratamento de uma esposa recém-casada. A demonstração de cuidado e afeto da Fera não deixam induzir a uma farsa, mas a uma genuína preocupação pelo bem-estar da moça, pois é ela quem pode salvá-lo da metamorfose.

Isso posto, as jovens esposas da época do conto podiam sentir menos apreensão pela condição de serem induzidas ao casamento sem seu consentimento ou para salvar a condição financeira de sua família paterna, tendo em vista seu dote. Na verdade, o conto parece ser uma forma de preparação das jovens moças para o seu inevitável destino e sua aceitação, ao menos para os tempos do Antigo Regime. Será que, hoje, ainda funcionaria?

O conto “A Bela e a Fera” teve uma considerável repercussão que se expandiu para outras artes, como o cinema. Em 1991, os Estúdios Walt Disney apresentaram “A Bela e a Fera” no formato animado e audiovisual com base na versão de Madame de Beaumont. No entanto, a produtora cinematográfica pincelou e apagou determinados detalhes do conto, criando a sua própria versão que, anos depois, foi reiterada pela mesma produtora ao apresentar o conto no formato *live action*, em 2017.

A versão cinematográfica atual preservou a essência do feminino, como o cuidado com o pai e os afazeres domésticos. Alguns dos atributos de Bela que se afastam dos conceitos sobre a mulher da época de publicação do conto, como a independência, a coragem e o amor pela leitura são, por sua vez, ressaltados. Além disso, a escolha da atriz Emma Watson para viver o papel da protagonista parecia tentar a recuperação das características femininas da personagem Hermione, vivida pela atriz durante todas os filmes da famosa saga de *Harry Potter* e que a apresentava como uma jovem determinada e livre, uma personagem feminina nada convencional e nem um pouco submissa ao mundo patriarcal da magia. Essas marcas de transgressão, de não conformismo e de determinação presentes na personagem muito possivelmente passam a ser recuperadas pelo inconsciente da espectadora do *live action*. Assim, a Bela do século XXI é construída por um viés de luta e liberdade, na medida em que convida as jovens garotas, mesmo que com sonhos de um casamento ainda, a não se submeterem ao mundo machista e patriarcal que ainda persiste na sociedade contemporânea. Além, é evidente, de convidar a espectadora a revidar posições machistas como a do antagonista Gaston. É uma Bela empoderada!

Ainda que precise resgatar o pai de seu equívoco com a Fera e livrar o príncipe de sua carcaça felina, é possível perceber que alguns dos conceitos sobre o feminino, acima exemplificados, bem como a dependência da mulher para com o seu marido e a submissão da filha diante de um casamento arranjado por sua família caem por terra quando se trata de Bela, seja no século XVIII, seja no XXI.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou questões teóricas acerca da presença feminina em contos de fadas com foco especial em “A Bela e a Fera”. Este conto apresenta destaque no meio literário, pois possui autoria feminina em suas versões primeiras.

A análise procurou apontar o quanto autoras como Villeneuve e Beaumont tiveram seus textos lembrados desde sua publicação, mas seus nomes pouco foram retomados ao longo dos séculos sendo apenas agora recuperados em virtude dos muitos estudos que têm sido desenvolvidos nos últimos anos.

Por fim, apresenta-se o quanto o conto continua vivo e marcando presença no imaginário popular, seja por suas várias novas publicações ou adaptações, seja pela presença que o cinema tem dado a esses textos e, nesse caso, *o live action* de 2017, que continua frisando a forte presença da coragem e da liberdade femininas presentes em Bela.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 1).

CORSO, Diana Lichtenstein, & CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fada vividos**. Tradução de Elizabeth C. M. Jansen. Revisão de Cátia Zambrana Ogalla Tinti. São Paulo, SP: Paulinas, 1986.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

GARCIA, André Luiz Ming. Aspectos da discussão hodierna internacional sobre a história e as origens dos contos de fadas literários: a autoria distribuída IN **Revista Literartes**: Tradição Literária, Transmidialidade, Teoria e Crítica. n. 11, 2019. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/literartes/issue/view/11341>, acesso em 24/03/2021.

LACERDA, Rodrigo. Fontes e versões de uma história. IN: BEAUMONT, M. VILLENEUVE, M. **A Bela e a Fera**: a versão clássica e a surpreendente versão original. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. Edição Kindle.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos**: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MICHELLI, Regina. **Nas Trilhas Do Maravilhoso**: A Fada. Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários, [S.l.], v. 26, p. 61-72, dez. 2013. ISSN 1678-2054. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terroroxa/article/view/25161>>. Acesso em: 30 dez. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1678-2054.2013v26p61>.

_____. **Viajando pelo mundo encantado do era uma vez**: configurações identitárias de gênero nos contos de fadas. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

SOARES, Livia Maria Rosa; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno**: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 75-83, jan. 2015. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/5114>>. Acesso em: 30 dez. 2020. doi: <https://doi.org/10.17058/signo.v40i68.5114>.

VENTURA, Susana. **Na companhia de Bela**: contos de fadas por autoras dos séculos XVII e XVIII. Seleção, organização e comentários: Susana Ventura, Cassia Leslie. Ilustrações: Roberta Asse. 1. Ed. Londrina: Florear Livros, 2019.

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente Virtual 224, 226, 227, 236

Aprendizagem 120, 157, 159, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 200, 209, 213, 214, 215, 223, 224, 225, 226, 227, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 251, 252, 256

Arte 23, 34, 41, 44, 46, 48, 55, 56, 61, 72, 73, 78, 81, 85, 88, 97, 98, 103, 104, 106, 109, 114, 118, 133, 137, 145, 153, 156, 157, 160, 161, 203, 213, 216, 217, 218, 221

Artes 22, 37, 43, 73, 98, 144, 149, 154, 155, 156, 160, 161, 164, 213, 216, 217, 218, 221, 257

C

Carta 63, 66, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 94, 95, 135, 136

Cordel 73, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166

E

Educação 4, 11, 12, 16, 19, 20, 27, 63, 96, 154, 156, 157, 158, 162, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 256, 257, 258

Ensino de Língua 71, 174, 177, 238, 256, 258

F

Feminino 1, 2, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 35, 36, 39, 44, 47, 51, 99, 101, 228

H

Haicai 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Histórias 13, 14, 15, 16, 23, 35, 43, 55, 63, 74, 76, 148, 157, 159, 165, 175, 176, 177, 195, 225, 229

L

Leitor 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 15, 28, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 70, 89, 110, 112, 117, 118, 120, 121, 129, 130, 131, 136, 142, 144, 148, 150, 152, 154, 156, 159, 165, 170, 172, 173, 176, 228

Leitura 3, 14, 22, 52, 53, 58, 59, 60, 62, 67, 69, 72, 109, 110, 115, 118, 120, 124, 127, 138, 144, 150, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 205, 207, 230, 232, 237, 258

Letras 1, 11, 12, 15, 24, 38, 39, 51, 63, 70, 71, 87, 95, 96, 97, 100, 108, 126, 133, 139, 153,

160, 161, 165, 169, 175, 178, 200, 224, 226, 228, 237, 243, 248, 257, 258

Linguística 54, 61, 71, 127, 136, 139, 158, 159, 169, 172, 173, 176, 178, 179, 200, 254, 256, 258

Literatura 51, 62, 63, 72, 86, 87, 88, 91, 95, 96, 107, 108, 153, 154, 155, 156, 161, 165, 166, 174, 176, 178, 204, 258

Literatura Digital 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

M

Mitologia 36, 43, 44, 50, 51, 73, 88

Modalidade Híbrida 238, 241, 242, 246, 255, 256

Mulher 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 49, 50, 66, 76, 77, 78, 100, 101, 102, 103, 160, 166

N

Narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 79, 82, 87, 121, 144, 154, 155, 160, 161, 163, 165, 232, 245

O

Opressão 10, 11, 25, 27, 31, 35, 99

P

Patriarcado 33, 34

Poesia 43, 51, 52, 53, 54, 58, 87, 88, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 160, 162, 163, 166, 232

Práticas Interdisciplinares 213

R

Representação 1, 2, 7, 10, 17, 18, 21, 24, 64, 65, 75, 78, 82, 101, 143, 144, 161, 163, 164, 173

S

Saúde 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 237, 249

Sujeitos 55, 57, 58, 98, 114, 146, 158, 174, 183, 184, 185, 186, 225, 235

T

Teatro 38, 44, 45, 49, 50, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 83, 126, 130, 201, 202, 203, 204, 209, 211

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2021